

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA · TEOLOGIA · PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 · n. 2 · Dezembro | 2020

UTILITARISMO: SUAS BASES, APLICAÇÕES PRÁTICAS E OPOSIÇÃO A FÉ

Utilitarianism: Its Bases, Practical Applications
and Opposition to Faith

Francis Natan Gonçalves Martins¹

Dr. Claiton André Kunz²

RESUMO

O utilitarismo foi uma moralidade elaborada nos séculos XVIII e XIX, por Jeremy Bentham e John Stuart Mill, propondo que a única regra regeadora das decisões, julgamentos e atos deve ser a satisfação, ou seja, a felicidade do indivíduo. Também é abominada toda e qualquer possibilidade de sofrimento ou dor. Sendo assim, para o utilitarismo, as ações são boas quando promovem a felicidade e más quando promovem o sofrimento. Nesta moral, o homem é o centro das decisões e usa de seus parâmetros para determinar o bom e o

¹O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Marketing pela Unijuí e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

²Graduado em Teologia e Filosofia. Mestre e Doutor em Teologia (Bíblia). É professor e diretor da Faculdade Batista Pioneira, do Mestrado Profissional da FABAPAR e professor assistente do Mestrado em Ministérios da Carolina University (EUA). E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

mau. A ótica utilitarista está presente na contemporaneidade, sendo usada para decisões no meio jurídico, social e até mesmo na individualidade por alguns cristãos. Por ser uma moralidade baseada e voltada ao homem, torna-se uma oposição à fé cristã, visto que Deus e Sua Palavra devem conduzir a moralidade dos discípulos de Jesus.

Palavras-chaves: Utilitarismo. Moral. Felicidade. Jeremy Bentham. John Stuart Mill.

ABSTRACT

Utilitarianism was a morality elaborated in the 18th and 14th centuries, by Jeremy Bentham and John Stuart Mill, proposing that the only rule that governs decisions, judgments and acts must be satisfaction, that is, the happiness of the individual. Any possibility of suffering or pain is also abhorred. Thus, for utilitarianism, actions are good when they promote happiness and bad when they promote suffering. In this morality, man is the center of decisions and uses his parameters to determine the good and the bad. The utilitarian perspective is present in contemporary times, being used for decisions in the legal, social and even individuality by some Christians. Because it is a morality based on and focused on man, it becomes an opposition to the Christian faith, since God and His Word must lead to the morality of Jesus' disciples.

Keywords: Utilitarianism. Moral. Happiness. Jeremy Bentham. John Stuart Mill.

INTRODUÇÃO

O utilitarismo é uma corrente moral elaborada pelos filósofos Jeremy Bentham e John Stuart Mill durante os séculos XVIII e XIV. A ótica utilitarista defende que uma ação é correta ou errada a partir das consequências de satisfação ou frustração. Nesta corrente filosófica a busca pelo prazer é um fator determinante.³

As atitudes do indivíduo buscam uma finalidade nas consequências focadas na felicidade, seja qualitativa ou quantitativa, bem como na utilidade desses atos no decorrer do processo.⁴ O utilitarismo investiga as ações e os

³ FRANKENA, William K. **Ética**. 2.ed. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 49.

⁴ GEISLER, Norman L. **Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 40-42.

resultados que proporcionam o bem-estar aqueles que de forma consciente possuem sentimentos.⁵

No utilitarismo os homens são capazes de definir a qualidade de suas ações, possibilitando mediante uso de suas consciências, alcançarem o prazer, rejeitando o sofrimento e a dor, independente de regras religiosas ou de tradições.⁶

O utilitarismo está bem presente na mente dos homens na contemporaneidade, sendo base para decisões não só particulares, mas em meios jurídicos, sociais e em questões de saúde.⁷

Teria a moralidade utilitarista presente na contemporaneidade uma concordância ou cooperação com a fé e moralidade cristã? Não há como chegar a uma resposta sem analisar a definição desta moralidade, suas bases, aplicações práticas e incongruências. Para tanto o presente artigo se dispõe.

1. BASES DO UTILITARISMO

Os séculos XVIII e XIX foram palcos de grandes mudanças no mundo, pois neste período a revolução francesa e por conseguinte a revolução industrial impulsionaram o surgimento de uma nova realidade, trazendo uma completa reestruturação da sociedade. Ideias como “liberdade, igualdade e fraternidade” fervilhavam na mente dos homens que buscavam a libertação de todas as amarras da opressão dos senhores e da Igreja Católica.⁸

Neste contexto, Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo inglês, cujo anseio e objetivo eram reformar as leis e instituições da Inglaterra, concebe uma nova ótica da moral: a moralidade utilitarista.⁹ Seu levante filosófico foi uma tentativa de contrapor os conservadores de sua época, que abraçavam o direito natural¹⁰. Segundo Bentham, este era insatisfatória, pois não há como provar

⁵TODA MATÉRIA. **Utilitarismo**. _ : 2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/utilitarismo/>> Acesso em: 01 jul. 2020.

⁶RAE, Scott B. **Curso vida nova de teologia básica: ética cristã**. Tradução de Flávia Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 99.

⁷RAE, 2013, p. 100.

⁸RACHELS, James. **Os elementos da filosofia moral**. 7.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013, p. 103.

⁹RACHELS, 2013, p. 103.

¹⁰Direito natural é a teoria que supõe a existência de um direito universal, estabelecido pela natureza. Este defende que os direitos dos homens devem ser fundamentados na sensatez, racionalidade, igualdade, equidade, justiça e no pragmatismo, visando avaliar as opções humanas com o propósito de agir de modo razoável e bom. A ideia do direito natural, também chamado de jusnaturalismo, foi baseada nos escritos de Francisco de

a existência deste contrato de regência; e mesmo que possa ser comprovado, não há nada que convença a obrigatoriedade do cumprimento deste direito. O utilitarismo de Bentham sugeria que todos deveriam ser guiados pela soma dos prazeres hedonistas da sociedade.¹¹

Segundo Jeremy Bentham:

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado, e por outra, a cadeia das causas e dos efeitos.¹²

Os argumentos de Bentham foram apoiados por James Mill (1773-1836), renomado filósofo, historiador e economista escocês e por seu respectivo filho, John Stuart Mill (1806-1873), que viria a se tornar mais tarde o advogado líder da teoria moral utilitarista, o qual redigiu a obra mais persuasiva desta moralidade, o livro “*Utilitarianism*” (1861).¹³

Embora Jeremy Bentham e John Stuart Mill tenham defendido a mesma regra de condução da moralidade, abordaram-na em perspectivas distintas. Bentham defendia um utilitarismo mais hedonista, que visava a maior satisfação e menor dor ao indivíduo. Por sua vez, Mill defendia um utilitarismo que visa à alegria geral, coletiva, ou seja, uma satisfação que abranja um grupo maior de pessoas, distanciando-se do utilitarismo hedonista.¹⁴ Geisler classifica o utilitarismo deles da seguinte forma: 1. Utilitarismo quantitativo (Bentham); 2. Utilitarismo qualitativo (Mill).¹⁵

A moralidade utilitarista herdou a ideia filosófica grega de Epicuro, o qual pregava a busca pela satisfação do indivíduo, anulando toda e qualquer insatisfação em função da maximização da felicidade.¹⁶ Os utilitaristas usaram desta ideia, nominando esta busca de maximização da utilidade, coletivizando e projetando-a para toda a sociedade.¹⁷

Vitoria, São Tomás de Aquino, Michel Foucault.

¹¹ BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultura, 1989, p. IX.

¹² BENTHAM, 1989, p. 3.

¹³ RACHELS, 2013, p. 103.

¹⁴ RAE, 2013, p. 99.

¹⁵ GEISLER, 1984, p. 40-42.

¹⁶ GEISLER, 1984, p. 40-41.

¹⁷ Direito Sem Juridiquês. **Utilitarismo**: Jeremy Bentham e John Stuart Mill. Disponível em:

O utilitarismo classifica-se como uma ética teleológica, visando os fins, pois a moralidade das ações, segundo os utilitaristas, é determinada pelo seu resultado final. Assim classifica-se pela definição do termo teleologia; o termo grego *telos* significa “fim” ou “propósito”. Em alguns casos o utilitarismo e a ética teleológica são utilizados como sinônimos.¹⁸

A moralidade não deveria consistir mais em agradar a Deus ou em uma observância de regras abstratas segundo o utilitarismo, mas agora a moralidade deveria consistir em fazer o mundo tão feliz quanto fosse possível. A busca pela felicidade é o que baseia unicamente a determinação das decisões do indivíduo ou de um grupo de pessoas. Sendo assim, toda sociedade deve em todas as circunstâncias e feitos, produzir a maior felicidade que puder, quantitativamente e em grau,¹⁹ pois o prazer é o bem supremo.²⁰

O utilitarismo defende que não são necessariamente os princípios de uma tradição, comunidade ou religião que devem nortear e determinar o que é certo e o errado, mas sim os resultados produzidos pelas ações em questão. Se o andamento de uma ação específica ou uma decisão específica produz o melhor conjunto de consequências prévias e finais, então este parece que deve ser permitido e aceito. Caso as consequências prévias e finais não pareçam produzir tanta felicidade, mas pelo contrário, algum tipo de sofrimento, tal ação ou decisão deve ser reprovada e rejeitada.²¹ O utilitarismo, além de buscar a satisfação, tem por intenção minimizar toda dor que o indivíduo pode sofrer.²²

O foco do utilitarismo em suma é o resultado das decisões e ações, que buscam a satisfação visando às consequências. Este fato fez com que no decorrer da história o utilitarismo fosse chamado também de consequencialismo.²³

Além do mais, a moralidade utilitarista pode ser dividida em duas correntes principais: utilitarismo dos atos e utilitarismo das regras. O utilitarismo dos atos vem a ser uma avaliativa de atos em separado, tratando de cada decisão moral de forma isolada e individual, pesando as consequências de cada ação. Por sua vez, o utilitarismo das regras defende que um ato é correto na medida

<<https://www.youtube.com/watch?v=9ZFln-f6dXo&t=501s>> Acesso em: 31 jul. 2020.

¹⁸ GEISLER, 1984, p. 16-17.

¹⁹ RACHELS, 2013, p. 103.

²⁰ GEISLER, 1984, p. 40.

²¹ RAE, 2013, p. 91.

²² RAE, 2013, p. 99.

²³ RAE, 2013, p. 99.

em que se conforma a uma regra que leva ao bem maior, sendo esta regra estipulada por tendências de um conjunto de consequências previsíveis.²⁴ Para estes, existem regras que nunca deveriam ser quebradas, mesmo em casos de extrema exceção, pois sua observância leva a benefícios bem maiores que a quebra dos princípios.²⁵

O conceito da moral utilitarista nas palavras de John Stuart Mill é que “a doutrina utilitarista é que a felicidade é desejável, e a única coisa desejável, como um fim; todas as outras coisas são desejáveis como meios desse fim”.²⁶

Para Bentham,

Por princípio da utilidade entende-se aquele princípio que aprova ou desaprova qualquer ação, segundo a tendência que tem a aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse está em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer a referida felicidade.²⁷

Concordando com esta afirmação, o utilitarista Mill argumenta em questão de justiça, que tudo que venha a satisfazer o princípio da utilidade, satisfará por sua vez também as exigências da justiça, pois esta se encontra compreendida no princípio da utilidade.²⁸

2. INFLUÊNCIAS DO UTILITARISMO

O utilitarismo deixaram marcas bem presentes na cultura atual, pois embora inconscientemente, muitos na contemporaneidade regem suas atitudes em função da satisfação pessoal.²⁹ Tanto nos Estados Unidos como na Europa Ocidental a moralidade utilitarista ainda é muito utilizada para decisões no ambiente de políticas públicas.³⁰

Nos dias atuais, tem sido defendida uma separação entre a moralidade e a religião. O utilitarismo vem como uma resposta a esse levante, com a proposta de oferecer uma moralidade laica, visto que se propõem a excluir toda e qualquer ideia de um moral que venha ser um subproduto de uma

²⁴ RAE, 2013, p. 100.

²⁵ GEISLER, 1984, p. 17.

²⁶ “The utilitarian doctrine is, that happiness is desirable, and the only thing desirable, as an end; all other things being only desirable as means to that end”. MILL, John Stuart. **Utilitarianism**. Kitchener: Batoche Books, 2001, p. 35.

²⁷ BENTHAM, 1989, p. 4.

²⁸ FRANKENA, 1975, p. 57.

²⁹ RAE, 2013, p. 86.

³⁰ RAE, 2013, p. 99.

religião. Não é em vão que se observa uma geração cética e que baseia o certo e o errado em seus critérios puramente egocêntricos. O argumento utilitarista para tanto é que sua moralidade é neutra de qualquer moralidade religiosa. O utilitarismo encontra seu espaço na contemporaneidade pelo fato do mundo se vangloriar de não se ser mais preso a valores morais impostos pelos credos religiosos.³¹

3. APLICAÇÕES PRÁTICAS DA MORAL UTILITARISTA

Para um melhor entendimento desta moralidade, passa-se a uma análise de três implicações práticas de como a visão utilitarista porta-se através das seguintes situações: eutanásia, uso e legalização da maconha e o tratamento de animais não humanos. Embora estes exemplos não esgotem a compreensão, permitem uma visualização mais palpável de como o utilitarismo lida com o cotidiano e com desafio no contexto atual.³²

O primeiro exemplo a ser explanado é a **eutanásia**. Para tanto, usa-se do relato da morte de Sigmund Freud e a causa que levou ao fim sua vida. Freud fora acometido por um câncer na boca, devido ao constante uso de charutos. Sua vida tinha se tornado um sofrimento constante, visto que a enfermidade causou-lhe outras complicações de saúde como insuficiência cardíaca. Sua boca estava em estado de putrefação de forma que o odor do câncer afastava até mesmo seu cachorro do quarto onde Freud estava deitado. Ele, por sua vez, já havia pedido ao seu médico, Max Schur, que não o deixasse sofrer, vivendo embora não houvesse como reverter seu quadro de saúde. Max por sua vez, entendeu o pedido de Freud e injetou uma droga em Freud, assim findando sua vida e seu sofrimento.³³

A cristandade defende que a vida é um dom de Deus e só este pode dar fim a esta. A Igreja sustentou que tirar a vida de um inocente é errado. Diante desta compreensão, a atitude do médico Max seria indesculpável, mesmo que movida por uma nobre motivação. Embora possa haver condenações ao ato de Max, os utilitaristas afirmariam a absolvição do médico Max, pois ele respeitou a vontade de Sigmund Freud e aliviou sua dor, produzindo maior satisfação a este. Pois a moral utilitarista parte de que cada indivíduo como

³¹ RAE, 2013, p. 100.

³² RACHELS, 2013, p. 104.

³³ RACHELS, 2013, p. 104.

dono de si mesmo, pode determinar a regras que imperam sobre si, desde que isso não cause prejuízos o outros. Segundo os utilitaristas, a lei deve interferir o mínimo possível na liberdade do indivíduo. A vontade deste deveria ser respeitada, visto que não interferia ou causava dano ao outro. Para a moralidade utilitarista, a lei só pode intervir quando os membros da comunidade causam danos aos outros.³⁴

A eutanásia, diante da ótica da moralidade utilitarista, deve ser praticada quando esta ação traz alívio ao indivíduo que diante de alguma enfermidade incurável ou um quadro crítico de saúde em estágio irreversível. Além do mais, os utilitaristas defendem que a eutanásia pode findar a ansiedade de uma família diante da condição crítica de um ente enfermo, permitindo que os demais deem prosseguimento a suas vidas. Também, tal ação pode ser o cessar do dispêndio de recursos monetários desnecessários em função do enfermo.³⁵ Se a eutanásia pode vir a fornecer mais consequências benéficas no ato para um maior grupo de pessoas, então os utilitaristas afirmaram que esta é uma decisão acertada e adequada!³⁶

A segunda aplicação prática da moralidade utilitarista é a **legalidade do uso da maconha**. Aqui nesta unidade é abordado o fraco argumento que por vezes é usado contra o uso da maconha, afirmando que este ato “é errado” e por isso deve ser evitado. Para os utilitaristas, os argumentos rasos contra o uso da maconha não são adequados, pois são questionáveis e em pontos, infundados. Eles não se contentam com poucas objeções, mas este assunto precisa ser tratado a partir da questão complexa se o uso de drogas aumenta ou diminui a felicidade.

Para os utilitaristas, uma primeira afirmação a favor da legalização da maconha é que esta traz prazer. Em seguida, afirmam que o uso desta droga produz menos danos que outras substâncias como o álcool e a nicotina, pelo fato de não gerar ressaca no dia seguinte ao uso, não gerar agressividade, não gerar grande perda de sentidos ao dirigir, sendo que vicia menos que a nicotina. Outro argumento de defesa é que a legalização do uso acarretaria menor dano financeiro aos usuários em questões judiciais e mais lucros em

³⁴ RACHELS, 2013, p. 105.

³⁵ RAE, 2013, p. 91.

³⁶ RAE, 2013, p. 99.

impostos ao governo.³⁷

Ainda, não há uma prova real das desvantagens a saúde, pois os danos dependem de cada pessoa. Por isso os utilitaristas tendem a discordar sobre uma conclusão única em relação ao uso da maconha. Mas quase que em totalidade, os utilitaristas apoiam o uso da maconha, pois os dados parciais levantados até o então em relação aos danos do uso desta são inferiores ao uso do álcool e do tabaco. Caso estes dados mudem de realidade, a posição utilitarista quanto à legalidade da maconha também pode mudar.³⁸

O terceiro e último exemplo é **tratamento de animais não humanos**. Para a cristandade, os animais não são feitos a imagem de Deus e não tem alma, por isso podem o homem pode os tratar da forma que bem entender. Para Tomás de Aquino, teólogo do século XIII, não é errado fazer uso dos animais, seja matando ou usando-os em serviços. O erro para Aquino consiste em tratar com brutalidade dos animais. No seu ponto de vista, esta moral tem muito mais a ver com o bem-estar do homem do que o bem-estar dos animais, pois quem mata um animal com brutalidade, pode-o fazer a um humano!³⁹

Já o conceito utilitarista sobre este exemplo prático, defende que classificar os animais como irracionais e sem alma é irrelevante. O que se deve considerar é o fato de estes poderem desfrutar de felicidade ou infelicidade, pois isso deve ser levado em consideração pelos humanos. Esta possibilidade é levada em consideração pelos utilitaristas acima de quaisquer argumentos em relação ao trato digno aos animais.⁴⁰

Analisando sobre o uso de animais em experiências científicas, pode-se apontar que o utilitarismo argumenta na seguinte perspectiva: Se não houver uma redução considerável de infelicidade e ganho de felicidade para uma grande porção da humanidade, não se justifica e tornam-se aceitáveis tais experimentos. Nem todo experimento é errado e imoral, mas deve ser julgado pelo seu mérito no fazê-lo. Se por acaso, um experimento cause muita dor, este requer uma boa argumentação de justificativo para tal ato, segundo a moral utilitarista.⁴¹

Neste exemplo, afirma-se que os interesses dos animais não humanos

³⁷ RACHELS, 2013, p. 106-107.

³⁸ RACHELS, 2013, p. 107-108.

³⁹ RACHELS, 2013, p. 109.

⁴⁰ RACHELS, 2013, p. 109-110.

⁴¹ RACHELS, 2013, p. 112.

devem ser considerados e não apenas os seres humanos devem ser tratados com consideração moral. Os homens não são os únicos animais deste planeta e uma moralidade adequada também tem que reconhecer este fato!⁴²

4. O UTILITARISMO E SUA OPOSIÇÃO A FÉ

À primeira vista, o princípio da moralidade utilitarista não parece ser uma ideia agressiva e radical, afinal de contas, quem não desejaria ser feliz através de suas motivações. Mas a realidade é que os ideais utilitaristas foram tão radicais quanto alguns ideais de sua época e posteriores, como os de Charles Darwin e Karl Marx.⁴³

A moralidade utilitarista mostra sua radicalidade através de sua defesa de que sumiram todas as referências a Deus ou a regras morais abstratas “escritas nos céus”. O utilitarismo torna-se um inimigo declarado a fé por advogar que o homem não deve viver preso a um sistema de proibições para a pureza, que busca impedir as pessoas de se divertirem. Mas a moralidade deve ser guiada unicamente pela felicidade dos seres e nada mais⁴⁴, pois o comportamento moral não mais exige a fidelidade do indivíduo à observância de ordenanças e regras divinas.⁴⁵

Assim, é permitido e praticamente uma obrigação ao ser, fazer tudo o que se fizer necessário para gozar de felicidade. Neste sentido, o utilitarismo mexeu com as estruturas da moral de sua época, mostrando-se revolucionário e oposto a qualquer regra imposta pela religião ou credo.⁴⁶

Jeremy Bentham, pai do utilitarismo, defendia uma mescla do utilitarismo com o cristianismo. Segundo ele, o utilitarismo não viria a excluir Deus da história do homem, mas vê-lo na fé e na prática como um Deus benevolente. Se os cristãos afirmam crer que Deus é benevolente, isso precisa se mostrar na prática do atender a satisfação do homem, pois Deus quer o seu bem.⁴⁷

Mas nos exemplos acima referidos, o utilitarismo se coloca contra a o fato de que Deus é autor da dádiva da vida, lhe cabendo exclusivamente o direito de cessá-la.⁴⁸ No segundo caso, quanto ao uso e legalização da maconha, é

⁴² RACHELS, 2013, p. 111-112.

⁴³ RACHELS, 2013, p. 103.

⁴⁴ RACHELS, 2013, p. 103-104.

⁴⁵ RAE, 2013, p. 99.

⁴⁶ RACHELS, 2013, p. 104.

⁴⁷ RACHELS, 2013, p. 105.

⁴⁸ RACHELS, 2013, p. 105.

ignorado o fato de que muitos acabam se viciando na maconha a ponto de não conseguir abster-se; o uso pode causar danos cognitivos moderados no usuário; os efeitos da droga podem deixar a pessoa improdutiva; a maconha afeta o sistema respiratório; assim o usuário fere o zelo pela dádiva da vida concedida por Deus.⁴⁹ Em relação ao trato dos animais, o utilitarismo coloca estes no mesmo pé de igualdade de direitos que o homem, embora Deus tenha feito os seres humanos superiores e com domínio sobre as demais criaturas (Gênesis 1.26).⁵⁰

Além do mais, Jeremy Bentham afirmava que a vontade revelada de Deus não pode ser realmente conhecida, pois esta sempre será poluída pela interpretação teológica do indivíduo. Sendo assim, a vontade de Deus subentendida não poderá ser a vontade revelada de Deus. Ainda coloca que na realidade, Deus quer a felicidade do homem e a vontade de Deus combina com tudo o que é reto. Usando-se de seu raciocínio, percebe-se que Bentham se coloca numa contradição, pois se a interpretação da vontade de revelada de Deus é poluída pela interpretação do homem, como este mesmo saberá o que é reto? O pensamento de Bentham mostra-se no mínimo confuso!⁵¹

Entende-se que a moralidade utilitarista afasta o indivíduo da busca pela revelação divina quanto à moralidade. Antes, usa-se de recursos morais para a determinação por parte do indivíduo em relação ao que é o bem e o mal. Como resultado desta busca independente do ser pela escolha lógica, produz-se um contexto de um mundo laico, onde as pessoas se tornam cada vez mais céticas em relação a moralidade embasada na religião, a custo da negação da necessidade de Deus por parte do homem. O utilitarismo passa a ser um substituto ao sistema de busca da revelação da moral divina.⁵²

Para o cristão, a Bíblia deve ser a única regra de fé e moral, onde em suas páginas encontra a vontade expressa de Deus.⁵³ A Bíblia expõe que Deus sempre esteve ocupado em organizar a vida dos seus que constituíam a comunidade judaica e cristã, propondo-lhes uma experiência com Ele que os conduzia para o melhor real!⁵⁴

⁴⁹ RACHELS, 2013, p. 108.

⁵⁰ RACHELS, 2013, p. 109,111.

⁵¹ BENTHAM, 1989, p. 10-11.

⁵² RAE, 2013, p. 100.

⁵³ BRETERNITZ, Julieta. **Introdução à ética cristã**. 2.ed. São Paulo: IBETE, 1985, p. 13.

⁵⁴ KEELING, Michael. **Fundamentos da ética cristã**. Tradução de Aharon Sapsezian. São Paulo: ASTE, 2002, p. 37.

5. PROBLEMÁTICAS DO UTILITARISMO

Embora o utilitarismo venha a apresentar-se como uma solução de moralidade adequada, ele apresenta algumas deficiências. Passa-se agora a pontuar algumas incongruências desta ótica moral:⁵⁵

1. Apesar de defender a liberdade da moralidade escrava à religião como uma proposta neutra, o utilitarismo acaba não sendo neutro na denominação de benefícios e danos. Quem define isso, nunca o faz de forma pura e desassociada de pressupostos. O que pode vir a ser um benefício ou dano para uma pessoa pode não o ser a outrem. Sendo assim, o utilitarismo é tendencioso em suas determinações de direção em atos morais. Ao final, apesar de criticar os princípios religiosos, o utilitarista precisará usar de princípios para dar substância a suas decisões ou julgamentos.⁵⁶
2. A moralidade utilitarista não apresenta critérios para a distribuição dos benefícios a um grupo comunitário, apesar de propor uma visão global que beneficia o todo. Nem sempre aquilo que apresenta como um benefício para a sociedade alcança de fato aqueles a quem se propõe beneficiar em seus julgamentos prévios.⁵⁷
3. O utilitarismo não tem padrões para defender o mérito do indivíduo, visto que volta seus olhares para o benefício comunitário. Mérito individual não alia a sua ideia equilibrada à discriminação; longe de um olhar de aceitação ou detrimento de um ser, faz-se necessário reconhecer o esforço particular de um indivíduo em tempo oportuno.⁵⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pareçam as atitudes utilitaristas baseadas em uma moralidade politicamente correta e nobre diante de fatos palpáveis, são uma afronta a fé cristã, sendo baseada unicamente no homem e não no querer de Deus.⁵⁹ Mostra-se o utilitarismo uma aversão a condicional de Jesus ao discipulado cristão: “Se alguém quiser me acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome

⁵⁵ RAE, 2013, p. 102.

⁵⁶ RAE, 2013, p. 102.

⁵⁷ RAE, 2013, p. 102.

⁵⁸ RAE, 2013, p. 102.

⁵⁹ RACHELS, 2013, p. 105.

a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24).⁶⁰ Mesmo que a decisão de um indivíduo não cause danos diretamente a outrem, nem sempre é realmente boa em si e coopera com o propósito divino da existência do mesmo.

Não se esgota a moralidade utilitarista e sua oposição a fé cristã nessas poucas palavras, mas buscou-se apontar de forma direta e prática que em essência de motivações, as moralidades são ambíguas. Após este breve bosquejo, nota-se que vivemos em dias que a ética utilitarista reina, até mesmo no coração de alguns nominados “cristãos”.

REFERÊNCIAS

BENTAHM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultura, 1989. 257 p.

BRETERNITZ, Julieta. **Introdução à ética cristã**. 2.ed. São Paulo: IBETE, 1985. 144 p.

BÍBLIA. ARTERBURN, Stephen. Sociedade Bíblica Internacional. **Bíblia de estudo desafios de todo homem**. Nova versão internacional. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. 1529 p.

Direito Sem Juridiquês. **Utilitarismo**: Jeremy Bentham e John Stuart Mill. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gZFln-f6dXo&t=501s>> Acesso em: 31 jul. 2020.

FRANKENA, William K. **Ética**. 2.ed. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: alternativas e questões contemporâneas. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 1984. 227 p.

KEELING, Michael. **Fundamentos da ética cristã**. Tradução de Aharon Sapsezian. São Paulo: ASTE, 2002. 223 p.

MILL, John Stuart. **Utilitarianism**. Kitchener: Batoche Books, 2001. 63 p.

⁶⁰ BÍBLIA. Mateus 16.24. Português. ARTERBURN, Stephen. Sociedade Bíblica Internacional. **Bíblia de estudo desafios de todo homem**. Nova versão internacional. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2012, p. 1113.

RAE, Scott B. **Curso vida nova de teologia básica:** ética cristã. Tradução de Flávia Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2013. 327 p.

RACHELS, James. **Os elementos da filosofia moral.** 7.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 212 p.

TODA MATÉRIA. **Utilitarismo.** _: 2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/utilitarismo/>> Acesso em: 01 jul. 2020.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional